

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. \$090

N.º 41 — VOL. II.

Sabbado 9 de Outubro de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno . . . 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . . 5\$000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — A universidade d'Evora — A praça da villa de Cintra — A villa d'Atouguia da Baléa — A villa d'Arronches — Lições para maridos, continuação — Historia da artilharia, continuação — A Nova Providencia — Hurdvar — A noite.
GRAVURAS: — Hurdvar — Claustro ou pateo da antiga universidade d'Evora — Brasões d'armas das villas d'Arronches e Atouguia — Pelourinho da villa de Cintra.

Historia da actualidade.

No dia 5 do corrente saíram a barra de Lisboa as corvetas de guerra *Bartholomeu Dias* e *Sagres*, para a ilha da Madeira, sendo a primeira commandada pelo Senhor infante D. Luiz.

— Diz-se que no dia 8 do corrente haverá em Paço d'Arcos uma toirada, que ha muito tempo se annuncia.

— Pelo decreto de 15 de Setembro foi creada uma cadeira d'instrução primaria para o sexo feminino na cidade d'Elvas.

— No dia 6 do corrente abriu-se o pagamento dos vencimentos da camara dos dignos pares dos senhores deputados, relação de Lisboa, tribunaes do commercio, estado maior do exercito, supremo conselho de justiça militar, sé de Lisboa, maioria general, estado maior da primeira divisão militar, e governo civil de Lisboa.

— A Confederação Argentina publicou uma lei pela qual, desde o 1.º de Janeiro de 1859, o cobre em barra pagará seis por cento sobre o valor de vinte pesos por quintal; o cobre e a prata em mineral doze por cento; os coiros de toiro, novillo, vaca, e terneira seiscentos réis por cada um, os de gado cavallar e muar trezentos réis, os de nonnato, cabra, e porco trinta réis; a cerda, lã, graxa e azeite de pata ou ani-

mal, trezentos réis por arroba; as pelles de chinchilla e lontra, as pennas de avestruz, os coiros de guanaco, vicunha e carneira, os ossos e chifres, doze por cento do valor na praça; a carne secca e salgada, seiscentos réis por quintal, e as linguas salgadas, trezentos réis por duzia.

— A febre amarella está completamente extinta no visinho reino.

— Em Moortas (India) insurreccionaram-se tres regimentos que tinham sido desarmados. Foram completamente destruidos pelos inglezes.

— Causa inquietação em alguns circulos a viagem do principe Napoleão a Varsovia.

— Parece que não é irreparavel o accidente occorrido no cabo transatlantico.

— E' curiosa a noticia dada pela *Independencia Hespanhola*, acerca do estado e producto das minas em Hespanha. Desde 1846 a 1850, as de Almaden produziram 1967475 quintaes d'aço; a de Rio-Tinto produziu 1200000 quintaes de cobre; as cinco minas de Serra Almagrera produziram em 1843 229000 marcos de prata.

— Um incendio reduziu a cinzas o mosteiro de Santa Maria de Horta, em Hespanha, salvando-se só a egreja, e alguns objectos.

— Em Tunis inaugurou-se uma municipalidade, que terá o poder de decidir todas as questões pertencentes á administração da cidade.

— Parece definitivamente levar-se agora a effeito a abertura do canal de Suez.

— O marechal duque de Saldanha acaba de publicar uma obra intitulada *Estado da Medecina em 1858, opusculo dividido em cinco partes*.

— No 1.º do corrente teve logar a cerimonia da abertura da universidade, recitando a oração de *sapientia* o senhor doutor Joaquim José Paes Junior, lente substituto extraordinario de direito.

— Na India, o exercito inglez tem tido algumas vantagens parciais sobre os revoltosos.

— Parece que vão ter logar em Inglaterra grandes reformas politicas.

— O general Guyon regressa a Roma, onde tomará de novo o commando do exercito francez.

— O conselho federal representou ao governo austriaco contra as violencias praticadas no territorio suizo por empregados d'aquella potencia.

— O congresso de propriedade litteraria e artistica de Bruxellas rejeitou o principio de propriedade perpetua em materia litteraria e artistica.

— A Austria esforça-se para renovar as suas antigas relações com a Russia.

— E' grande a fermentação dos animos na Servia. O partido descontente, cujo centro são as capitães da Moldavia e Valachia, pretende expulsar o actual principa, collocando á frente dos negocios o ex-principe Molosch.

— O general Castilla foi eleito presidente do Peru.

— No Mexico o partido reaccionario tem si-



Hurdvar.

do batido pelos liberaes, que tomaram Tampico. — No dia 4 do corrente teve logar a sessão solemne d'abertura da escola medico-cirurgica do Porto.

A universidade d'Evora.

O cardeal infante D. Henrique foi o maior protector, que os jesuitas tiveram em Portugal. Quando os filhos de Santo Ignacio de Loyola, que entraram n'este paiz com tanta humildade e resignação evangelica, para erguerem pouco depois tão potente e orgulhosa frente, viram todas as ordens do estado opporem-se abertamente á sua introdução; quando essa opposição se converteu em guerra tão forte e porfiosa, que o proprio tribunal da inquisição veio collocar-se á frente dos inimigos da companhia de Jesus; quando o odio publico contra esta instituição cresceu tanto, que rompeu em combates, amotinando-se o povo de Lisboa, e apedrejando-os os operarios, que trabalhavam na edificação do collegio de Santo Antão, que devia ser, e foi, a cabeça da ordem; combates esses, que trouxeram ás obras varias e longas interrupções, envolvendo os proprios padres sempre que pretenderam serenar as ondas populares; quando finalmente os jesuitas se viram assim hostilizados por todos, e em toda a parte, não desistiram, nem esmoreceram, pois que a perseverança foi em todos os tempos uma das feições mais caracteristicas d'aquella ordem. Humilharam-se muito, resignaram-se ainda mais, e encolhidos como o reptil, que se furta ás vistas dos seus aggressores, lá se foram acotitar sob a purpura do cardeal infante. E este principe, que tinha por base principal do seu caracter a irresolução e perplexidade, de que deu tantas provas desde a sua minoria até á epoca fatal da sua exaltação ao throno, só foi resolutivo e perseverante na valiosa protecção que deu aos jesuitas.

O cardeal infante não se limitou a proteger a companhia contra os ataques dos seus adversarios, procurando debellar todas as resistencias com a muita influencia que exercia no animo d'el-rei D. João III, seu irmão. Fundou tambem á sua custa, ou ajudou a fundação dos principaes collegios, que os jesuitas levantaram n'este reino.

Um dos mais vastos e grandiosos, que esta poderosa ordem possuuiu em Portugal, foi sem duvida o collegio do Espirito Santo, na cidade d'Evora. E esse foi obra inteiramente do cardeal infante D. Henrique.

Era este principe arcebispo d'Evora, quando lançou a primeira pedra nos alicerces d'aquelle edificio. O plano da obra não teve no seu começo as proporções e grandeza, que hoje mostra; mas foi o mesmo fundador quem ao diante lh'as deu.

Na planta primitiva era o edificio de mediana capacidade, e accommodado ao duplo fim de servir de convento aos jesuitas e de collegio para a educação da mocidade, cujo ensino devia ser dirigido pelos mesmos frades. E era esta a pratica usada em todas as suas casas conventuaes; pratica na qual a companhia punha todo o seu empenho, e afan, porque bem sabia, que havia de tirar d'essa direcção, quando se achasse generalisada em todo o reino, o principal instrumento para o seu futuro predomínio.

Em virtude, pois, d'aquelle empenho e afan, não tardou a augmentar-se o edificio com dormitórios novos e mais espaçosas aulas, afim de se dar maior desinvolvimento á admissão de estudantes. O collegio floresceu em pouco tempo, e a concorrência de mancebos era tal, que no anno de 1554 excedia muito a trezentos.

Em quanto estas coisas se passavam em Evora, travava-se em Coimbra renhida lucta entre a companhia e a universidade, aquella pretendendo invadir as attribuições d'esta, e fazendo esforços para estender a sua influencia sobre o corpo cathedraico; e este repellindo a invasão, e pugnando pelos seus direitos e supremacia.

Os jesuitas já então podiam muito, não só pelo valioso auxilio do cardeal infante, mas tambem pelas muitas raizes, que haviam conseguido lançar no paiz, apesar da estreiteza do tempo, e mau grado de tantas e tamanhas contrariedades. Todavia não

poderam levar de vencida a universidade de Coimbra, pois que esta logrou excitar em seu abono as sympathias, ou o ciúme d'el-rei D. João III, que muito se gloriava do seu titulo de protector da universidade.

Como dissemos no principio d'este artigo, os filhos de Loyola nunca descoroçoaram ante difficuldades, quaesquer que ellas fossem. Não podendo vencer a universidade frente a frente, resolveram minar-lhe os alicerces, preparando-se para indirectamente e com o tempo lhe ir absorvendo o poder e a existencia.

Como base d'este plano levaram os jesuitas o cardeal D. Henrique a pedir licença para fundar uma universidade no seu collegio do Espirito Santo d'Evora.

Não poupou meios o cardeal para conseguir o intento, mas oppondo-se-lhe a universidade de Coimbra com efficaz resistencia, encontrou sempre em el-rei a vontade inclinada em favor d'esta ultima, e n'elle sempre firme o proposito de lhe conservar intactas as suas regalias e supremacia nos estudos do paiz.

D'esta vez apenas alcançou o cardeal infante a permissão de acrescentar um curso de artes ás escolas de latim, de rhetorica, e de theologia, que havia no collegio dos jesuitas d'Evora. Não se deu porém o negocio por acabado, adiou-se para melhor ensino, e a fortuna não se demorou muito em coroar a perseverança dos jesuitas.

A morte de D. João III, acontecida aos 11 de Junho de 1557, roubando á universidade de Coimbra o seu dedicado protector, acabou com a mais formidavel das difficuldades. Para vencer as outras, que ainda avultavam, a influencia e poder da companhia eram já a este tempo sufficientes elementos de victoria.

Assim no anno seguinte expediu o papa Paulo IV a bulla de 18 de Setembro de 1558, que erigiu a universidade d'Evora, permitindo-lhe dar graus de bachareis, licencoados, mestres e doutores, como em Coimbra. N'esta bulla concedia-se á nova universidade o ensino de todas as sciencias e disciplinas, exceptuando medicina e direito civil.

No anno de 1559 celebraram os jesuitas com grande apparato e solemnidade o auto de posse e inauguração da sua universidade d'Evora.

Foi então que o cardeal infante deu começo ás obras, que fizeram do collegio do Espirito Santo um edificio grandioso. Não só se levantaram de novo, assumindo maiores proporções, e ostentando mais riqueza, dormitórios, officinas, claustros, e salas de estudo, e de actos, mas até a propria egreja, que era pequena, foi transformada n'um grande e magnifico templo.

A universidade d'Evora teve largos annos de vida e de florescencia; e se a companhia de Jesus não logrou todos os fructos, que pretendia colher do seu projecto de monopolio geral dos estudos do reino, foi porque ás resistencias da universidade de Coimbra vieram dar força os odios do poderoso tribunal da inquisição, e os de todas as ordens religiosas contra a ambição jesuitica.

Sossobrou a universidade d'Evora, reinando el-rei D. José, na mesma tormenta em que naufragou e se perdeu a companhia de Jesus. Mas o seu nobre edificio lá está ainda de pé, perfeitamente conservado, commemorando o quanto pode a perseverança habilmente dirigida, e o quanto é perigoso para um estado deixar crear e desinvolver no seu seio um outro estado.

Sem quereremos fatigar os leitores com uma descripção minuciosa do edificio, cumpre todavia dizer alguma coisa d'elle, mesmo para esclarecimento da estampa junta.

O templo, que se concluiu em 1573, é de boa architectura, e rico em bellos marmores polidos ou lavrados com obra de escultura. Tem cinco capellas de cada lado, sobre as quaes corre uma galeria de esbeltas tribunas. A capella-mór é espaçosa e bem ornada. O pavimento do templo lavrado de marmore preto e branco.

No topo do cruzeiro, da parte do Evangelho, avulta um soberbo mausoleo de marmore, mettido debaixo de um arco, sustentado por duas columnas tambem de marmore. No fecho do arco vêem-se as armas do cardeal infante D. Henrique, que foi quem mandou fazer este tumulo, que des-

tinava para sua ultima morada. Como succedesse na coroa d'este reino, e fallecesse sem deixar disposição alguma a respeito do logar da sua sepultura, foi seu corpo levado para o jazigo real de Nossa Senhora de Belem. Ficando assim vasio aquelle mausoleo, mandaram os padres da companhia gravar n'elle um longo epitaphio, no qual se commemoram todas as dignidades, que o cardeal infante gosou, o desejo que o animava de que ali viessem a repousar as suas cinzas, e a razão porque não teve cumprimento este seu desejo.

No pavimento do cruzeiro, junto d'este mausoleo, está a sepultura de D. Duarte, duque de Guimarães, filho do infante D. Duarte, e de sua mulher, a infanta D. Isabel, e neto d'el-rei D. Manuel.

O refeitorio e todas as mais officinas são vastas, e construidas com muita solidez e grandeza. Os dormitórios são mui largos e compridos, formando uma cruz, e como este edificio está situado em uma das extremidades da cidade, para o lado do nordeste, das grandes janellas conventuaes, que se abrem no topo dos dormitórios, desfructa-se uma linda perspectiva.

O grande claustro, ou como outr'ora lhe chamavam, o *pateo da universidade* é uma obra de muita belleza e sumptuosidade. O erudito chronista da companhia de Jesus com bastante razão diz, falando d'ella: «Fica este grande pateo tão apparatuso á vista, tão engraçado na architectura, tão magestoso na fortaleza da obra, que pode fazer inveja ás melhores, e ás mais reaes obras de toda a Hespanha.»

Este autor dedicou á descripção d'este grandioso pateo tres paginas da sua chronica, que tanto prima na belleza das imagens, e na elegancia do estylo. Porém como se fizeram posteriormente varias mudanças e alterações no edificio, preferimos transcrever a descripção do mesmo objecto feita por um escriptor mais moderno, tambem jesuita, o qual, se bem que não poucas vezes se afastou da verdade, levado do amor que consagrava á sua cidade d'Evora, no assumpto em questão foi escriptor de consciencia, pois tivemos occasião de ver e examinar com minuciosidade aquelle curioso monumento.

Eis aqui pois como se expressa o padre Francisco da Fonseca, na sua *Evora Gloriosa*, descrevendo o pateo, ou claustro, de que a estampa junta mostra o lanço principal.

«E' o pateo da universidade uma formosa quadra de cento e noventa palmos de nascente a poente, e cento setenta e quatro de norte a sul, cercada toda de varandas alçadas seis palmos do primeiro pavimento, em que sobre quarenta e nove columnas, e vinte meias columnas de finissimo marmore, com capiteis e bases do mesmo, se levantam formosos arcos, que rodeiam o claustro todo. Sobre estes da parte do nascente e poente correm duas galerias de formosas janellas rasgadas, e da parte do sul e norte varandas sustentadas em columnas de marmore, e muito bem azuladas.»

«Sobe-se do primeiro pavimento ao segundo por tres escadas de marmore; e n'este ficam as entradas das aulas, que são oito de latim, quatro de philosophia, duas de theologia, e as casas do prefeito, e matricula. As escolas de ler e escrever tem as portas fora do pateo.»

«No meio do pateo está uma fonte de marmore, que distilla perenne agua, a que serve de coroa a effigie de Lallas com esta lettra: *Dicatum Sapientia*. A porta do pateo, que fica em uma formosa fachada e nobilissima galeria, é ornada com quatro grandes columnas de marmore, e suas alquitraves, e frontispicio, no qual se vê a *pombinha*, symbolo do Espirito Santo, a que a academia é consagrada, com a lettra, *Ille vós docebit omnia*. Corresponde-lhe dentro a fachada da sala (dos actos), que é verdadeiramente real, toda de marmores brancos custosamente lavrados. Comprehende dois canhaes e tres arcos, a que correspondem outras tantas portas para a sala, e sobre os arcos tres janellas tambem de finissimos marmores. Sobre a do meio estão as armas reaes, e estas lettras: *Henricus primus Lusitaniae Rex, sacrae Romanae Ecclesiae Cardinalis Patriae Pater, Religioni, et bonis artibus*; e sobre as armas o santissimo nome de Jesus, sustentado por dois anjos, a que acompanham por remate dos canhaes duas estatuas de

marmore, uma com o sceptro e o sol, e a outra com o bago e a lua, para indicar, ou que a universalidade é real e pontificia, ou as duas principaes dignidades do seu glorioso fundador, como já tinham estado no antigo frontispicio animadas com a letra: *Virga tua et baculus tuus, entendendo — ipsa me consolata sunt.*

«O interior da sala pelas suas pinturas e ornamentos, é coisa preciosissima, e n'ella estão os retratos ao natural do papa Paulo IV, que erigiu a universidade, do cardeal D. Henrique, que a fundou, dos reis D. João III, D. Sebastião, D. João IV, e infante D. Luiz, que a favoreceram, e do patriarcha D. Affonso Mendes, bispos D. Apolinario d'Almeida, D. Pedro Martins, D. Melchior Carneiro, D. Luiz de Cerqueira, e padres Luiz de Molina, Leão Henriques, e Francisco de Mendonça, que com o seu magisterio a enobreceram, e com os seus livros a illustraram.»

O antigo collegio do Espirito Santo foi restaurado e mui bem aproveitado em 1836 pelo senhor Antonio José d'Avila, então digno governador civil d'Evora, que conseguiu, não sem difficuldades, fundar n'elle uma casa pia como a de Lisboa, que logo se abriu como uma grande porção de alumnos de ambos os sexos.

Para se fazer uma idéa da grandeza do edificio, diremos por ultimo, que além d'aquelle estabelecimento de caridade, accomoda com largueza e independencia as aulas do lyceu, e todas as repartições do governo civil, e de fazenda.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A praça da villa de Cintra.

E' Cintra uma tão formosa estancia, terra de tão perennes verdores, sitio de tão variadas bellezas, aonde a natureza e a arte se deram as mãos para que os encantos e galas da primeira, e os primores da segunda se ajudassem e animassem reciprocamente; é tão procurada e festejada dos moradores de Lisboa durante essa quadra, em que os ardores do estio dão a uma grande parte dos arrabaldes da capital um tão triste aspecto de aridez; apreciam-na tanto os estrangeiros, que aportam ás nossas praias; tanto, emfim, a exaltaram em seus versos immortaes o apaixonado Bernardim Ribeiro, o grande Luiz de Camões, e o inspirado lord Byron, que, certamente, nos não levarão a mal os nossos leitores que occupemos hoje um pequeno espaço d'este jornal, fallando de Cintra, tendo-o ainda ha pouco feito com alguma largueza.

Então tratámos do seu mais autorisado monumento, mais autorisado por se reunirem n'elle veneração d'antiguidade, importancia de memorias historicas, valia artistica, e alto destino, que tem tido desde a sua origem até nossos dias; pois todas estas circumstancias se dão no paço real.

D'esta vez seremos mais breves, limitando-nos a dar uma explicação da estampa, que acompanha este artigo, quanto basta para poder ser comprehendida pelas pessoas, que não tiverem conhecimento do sitio.

Representa a estampa uma pequena parte da praça da villa de Cintra, contigua ao palacio real, do qual é separada pelo portico e muros ameçados do pateo, para onde cae a fachada principal do paço.

No centro da praça avulta o gothico pelourinho, de pedra toda lavrada com mui variados desenhos, e que julgamos ser feito no tempo d'el-rei D. Manuel. Em frente estende-se uma alpendrada, ou galeria sustida por columnas, obra moderna, que serve de mercado.

A um lado da praça levanta-se a igreja da misericordia, e no outro, que lhe fica opposto, a igreja parochial de S. Martinho. A primeira d'estas foi fundada no começo do reinado d'el-rei D. Sebastião, regendo este reino em seu nome a rainha D. Catharina, sua avó. A segunda traz a sua origem do principio da monarchia, e teve por fundador el-rei D. Affonso Henriques. Não conserva porém vestigios da primitiva fabrica, que sem duvida era pobre e mesquinha, como todas ou quasi todas as nossas edificações d'essa epoca. Arruinou-a o terremoto de 1755, e depois foi reconstruida. Do seu adro gosa-se um admiravel ponto de vista.

Tambem n'esta mesma praça se acha a cadêa da villa. Nas costas da praça, e por conseguinte em frente do palacio real, ergue-se magestosamente a serra, erichada de penedos de formas phantasticas, povoada de arvoredo annoso, toda vestida de verdura, semeada aqui e ali de graciosas casas de campo, e tendo por corôa o velho castello dos moiros, que o bom gosto d'el-rei o Senhor D. Fernando restaurou com zelo e descrição de antiquario, e ornou de bosques e flores com intelligencia d'artista.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A villa d'Atougua da Balça.

Está situada esta villa em logar alto, visinho do oceano, e a meia legua da praça de Peniche para o nascente.

Segundo pretendem alguns escriptores, foi fundada pelos annos de 1165 por Guilherme de Lacomni, fidalgo francez, e um dos cruzados, que vieram na armada, que ajudou a el-rei D. Affonso Henriques na expugnação e tomada de Lisboa, por cujo serviço lhe deu este monarcha o termo d'aquella villa para povoar. Outros autores ha, que tratando d'Atougua, não lhe dão semelhante origem. Seja porém esta qual fór, é certo que tem muita antiguidade.

Os etymologistas dizem que o seu nome se deriva por corrupção de *Touria*, que assim a denominavam em tempos d'el-rei D. Pedro I por causa das manadas de toiros, que este soberano ali tinha. Para fundamento d'esta opinião trazem o brasão d'armas da villa, que se vê sobre a porta da casa da camara, e que consiste n'um escudo, no meio do qual avulta um boi em campo de purpura, e sustentando um castello em cada uma das pontas.

Deu-lhe foral el-rei D. Sancho I, e teve no antigo regimen voto em côrtes com assento no banco decimo sexto.

Correndo o anno de 1526 deu á costa na praia proxima da villa, chamada de *Arda Branca*, uma grande balça, que tinha noventa palmos de comprimento. Desde então se ficou chamando a villa — Atougua da Balça.

Foi condado, cujo titulo se extinguiu no reinado d'el-rei D. José, tendo sido justicado o ultimo conde por complicitade no attentado commettido contra a vida d'este soberano.

Tem uma só parochia da invocação de S. Leonardo, que é um templo de tres naves; e nove ermidas dentro da villa e nas immediações. D'estas é a principal a de Nossa Senhora da Conceição, que por suas dimensões, adornos, e boa ordem, se pode ter na conta de uma boa igreja. E' concorrida de muitas romarias, que ahi vem de longe, principalmente no verão, festejar a Senhora.

Possue um hospital, e casa de misericordia, e nos arrabaldes tinha um convento de franciscanos dedicado a S. Bernardino.

Junto da villa ainda se vêem os restos do seu antigo castello, que está sobranceiro a um pequeno rio, que toma o nome da mesma villa.

O termo produz bastante trigo, cevada, e milho, algum vinho, fructas, e caça; tendo tambem alguma creação de gados. A costa visinha, em que tem um pequeno porto com poucos barcos de pesca, fornece a terra abundantemente de pescado, e ainda dá para alguma exportação para o interior.

A pequena distancia da villa ha um lago, formado pelas aguas das chuvas, e alimentado por uma ribeira, que n'elle vem desembocar, e que nasce em um olho d'agua no sitio chamado o Brejo. No inverno cobrem-se as margens d'este lago de muita e variada caça d'arribação.

A 6 de Novembro, por occasião da festa de S. Leonardo, padroeiro da villa, faz-se aqui uma feira, a que concorre bastante gente das povoações proximas. O numero dos habitantes pouco excede a mil.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A villa d'Arronches.

Quatro leguas ao sudoeste da cidade de Portalegre, e cinco para o norte da cidade d'Elvas, está

assentada a villa d'Arronches entre os rios Caia e Alegrete, em logar um pouco elevado, relativamente ao valle que a cerca, porém é dominada pelos montes visinhos, que lhe estreitam o horizonte, e lhe vedam descobrir povoação alguma.

Não ha noticia certa da sua fundação. Alguns autores mais dados, ou mais teimosos na investigação das etymologias, querem que, no tempo do imperador romano Caio Caligula, viessem aqui fundar uma povoação varios habitantes da villa d'Aroche, na Andaluzia, os quaes lhe pozeram o nome de Arochella, em memoria da sua patria, de que se derivou por corrupção o actual de Arronches.

Partindo porém de noticias positivas, sabe-se que já existia, quando teve começo a monarchia, e que D. Affonso Henriques a tomou aos moiros. Recuperada pouco depois por estes, foi novamente conquistada por el-rei D. Sancho II; e d'esta vez ficou para sempre christã.

O mesmo soberano fez doação d'ella em 1236 ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra; porém seu irmão D. Affonso III tornou a encorporal-a na corôa, attendendo a ficar proxima da fronteira. Mas d'ahi a pouco deu-a a seu filho, o infante D. Affonso, que a possuuiu por bastantes annos até que nas disputas, que teve com seu irmão, el-rei D. Diniz, lhe foi tirada, e novamente encorporada na corôa.

Quando se tratou da questão do casamento d'el-rei D. Affonso V, então viuvo de sua primeira mulher, com sua sobrinha, a princeza D. Joanna de Castella, que, acabando de ficar unica herdeira de el-rei D. Henrique, seu pae, via a herança tão contestada e duvidosa, que só com auxilio estranho se poderia conservar n'ella, foi em Arronches, que aquelle monarcha teve conselho com as pessoas principaes do reino sobre tão grave assumpto.

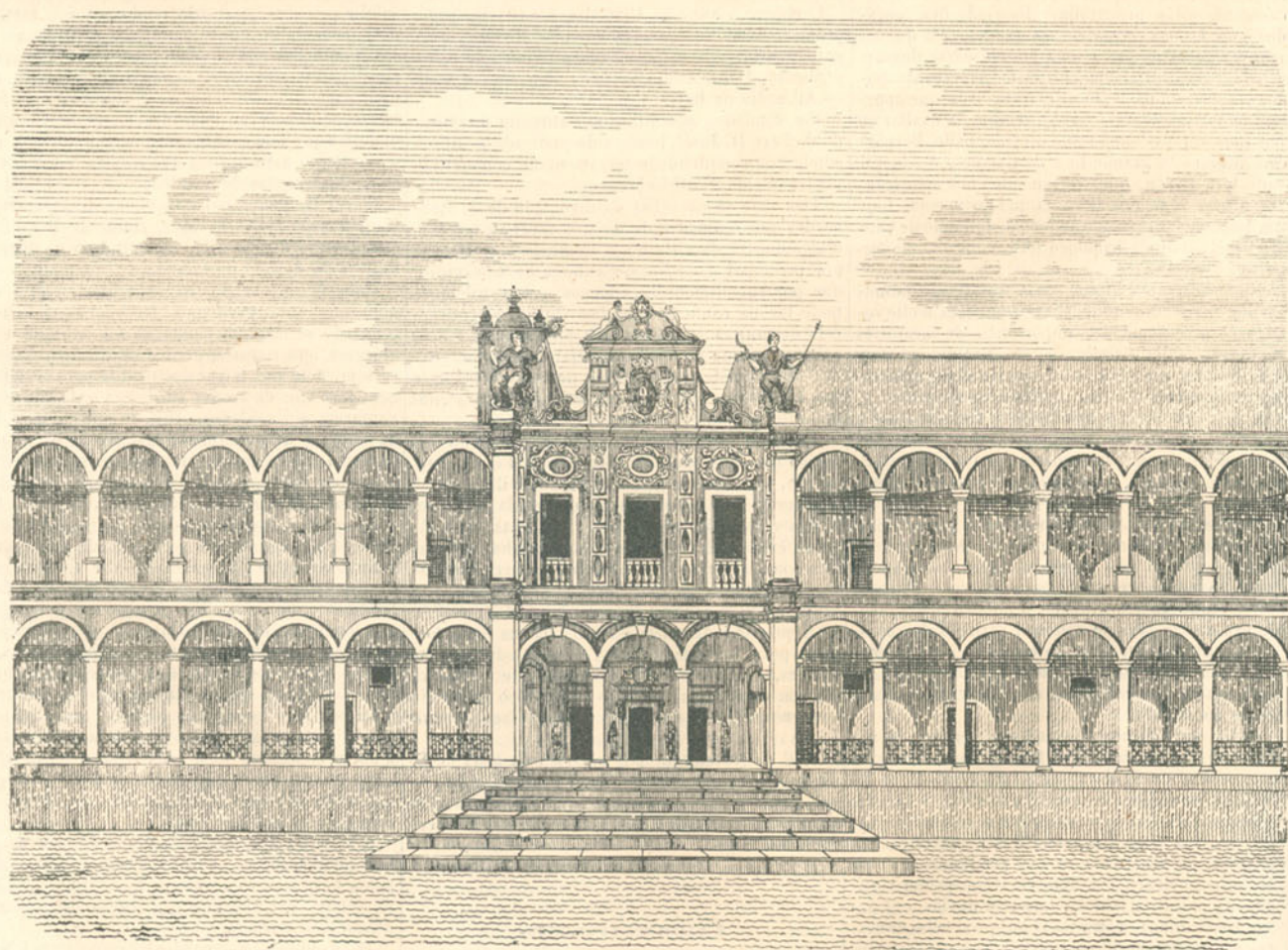
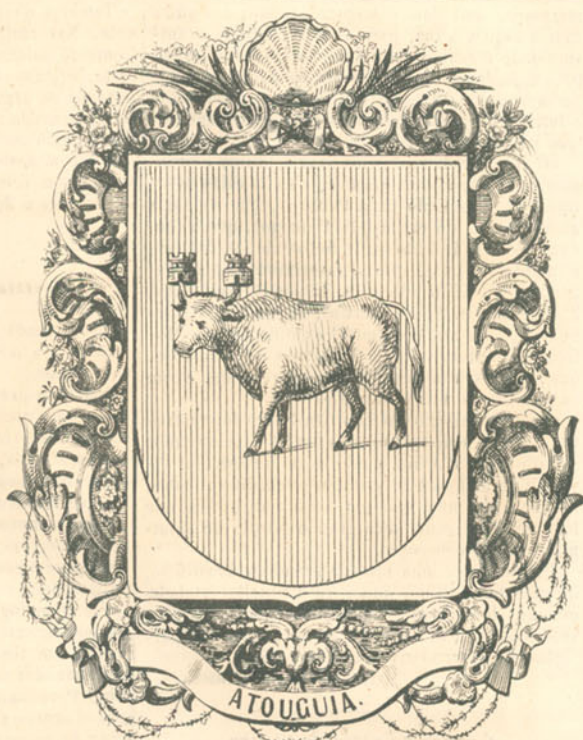
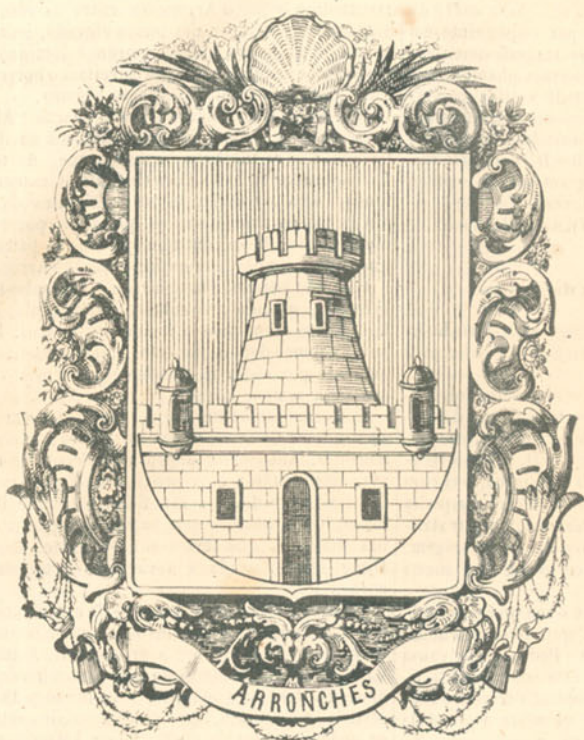
Decidido ahi este negocio em favor do dito consorcio, tambem foi na mesma villa, que o bellicoso rei D. Affonso V reuniu o exercito, com que entrou em Castella para sustentar os direitos d'essa infeliz princeza, que, não tendo por si a fortuna, despojada do throno, e annullado pelo papa o seu casamento por não ter sido precedido da necessaria dispensa, foi constringida a encerrar-se, primeiramente no convento de Santa Clara de Santarem, e depois no de Santa Clara de Coimbra, onde fez profissão, cobrindo, mau grado seu, com o veo negro a fronte em que resplandeciam pouco antes duas corôas de rainha!

El-rei D. Pedro II fez marquez de Arronches a Henrique de Sousa Tavares, conde de Miranda, e alcaide-mór d'esta villa, cujo titulo veio depois a unir-se ao ducado de Lafões.

Concederam os nossos soberanos a esta villa mui singulares privilegios. D. Affonso IV deu-lhe o de não se fazerem penhoras aos habitantes nos objectos, que tivessem dentro da casa em que morassem, nem nos trigos destinados para sementes, nem nos bois de arado. D. João I o de não se levantarem ahi soldados, para ir militar para fóra da villa; o de poderem os pastores de todo aquelle termo, que é grande, trazer armas, excepto nos mezes de Julho, Agosto, e Setembro, permitindo-se aos moradores da villa trazerem-nas por todo o reino. D. Affonso V deu-lhe a prerogativa de não poder d'ahi em diante ser alienada da corôa, e determinou que não podessem ser vereadores as pessoas, que não tivessem cavallo seu. D. João II, finalmente, concedeu-lhe os seguintes privilegios: não poderem os seus habitantes ser obrigados a trabalhar nos muros, pontes, fontes, calçadas, ou outras quaesquer obras, que se viessem a intentar na villa, ou fora d'ella, quer por si proprios, quer por seus bens; não poderem ser constringidos a acompanhar presos, nem a servir cargos n'outro concelho, nem a ter armas, ou cavallos. Além d'estes teve ainda muitos outros privilegios, que se davam mais communmente ás terras, que os reis queriam favorecer.

A villa de Arronches foi praça de guerra, com boa cerca de muros, que resistiram ao assalto dado pelos hespanhoes na noite de 17 de Junho de 1712, na guerra em que Portugal então estava empenhado com Castella.

Ha na villa uma só parochia, cujo orago é Nossa Senhora da Assumpção. E' um bello templo, de bastante antiguidade, com tres portaes mui bem la-



Claustrum da antiga universidade de Evora



Pelourinho da villa de Cintra.

vrados, e interiormente de tres naves sustentadas em seis columnas, além de duas menos altas, porém mais brincadas, em que se firma o côro. Tem hospital, e casa de misericórdia: esta fundada no reinado de D. Manuel, e aquella instituido no anno de 1372 pelo alcaide-mór, que então era de Arronches, Rui Gonçalves, e ao diante annexo á misericórdia. Havia tambem aqui um pequeno convento de religiosos agostinhos descalços, da invocação de Nossa Senhora da Luz, construido em 1570. D'entre quatro ermidas, que ha na villa, sobressae a do Espirito Santo, notavel pela sua muita antiguidade.

Faziam-se n'esta villa duas feiras annuaes, uma em domingo de Paschoella, e outra a 8 de Dezembro; nenhuma das quaes vemos actualmente mencionadas no catalogo das feiras do reino.

O clima d'Arronches é em extremo quente, e a villa falta de aguas, não tendo dentro em si senão alguns poucos poços. Todavia o seu termo abunda em cereaes, legumes, algum vinho e azeite, e em montados, onde se criam bastantes porcos.

A população d'esta villa anda por mil e duzentas almas. Teve antigamente voto em côrtes com assento no banco nono, e tem por brasão d'armas um castello em campo de purpura.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lições para maridos

COMEDIA EM TRES ACTOS

IMITADA DE VERSO HESPAÑHOL.

Continuação.

ACTO III.

Jardim com arvoredo em casa de Luiza. Á direita a fachada interior da casa com dois andares, com taboinhas nas janellas, e a porta que conduz ao jardim: ao mesmo lado uma mesa rustica e ao pé assentos da mesma especie: adornos de jardim á esquerda *ad libitum*: arvoredo no fundo, que se estende de uma linha de bastidores á outra, e no ultimo plano um portão aberto.

SCENA I.

LUIZA, CONDESSA.

(*Apparecem dando beijos uma na outra. A condessa acaba de entrar n'aquelle momento.*)

CONDESSA.

Não podes dizer que me esqueço de ti; vim a tua casa n'um relance.

LUIZA.

Apreciando, como devo, a tua amavel pontualidade, minha querida Emilia, dir-te-hei que foi o desejo de te ser util, que me levou a pedir que viesses ter comigo.

CONDESSA.

Fomos convidados, eu e meu marido, para almoçar contigo...

LUIZA.

É verdade; e tambem convidei D. Frederico, D. Micaela, D. Eusebio, e o insipido capitalista D. Luciano. Bem vês que tendo hospedes em casa, ninguém pode estranhar que os queira distrahir, e obsequiar.

CONDESSA.

Mas tendo de estar contigo d'aqui a uma hora, que pressa tiveste em me querer já? Queres falar comigo talvez a respeito do que hontem se passou. O que é feito de Carlota? O que disse o general? Fallaram-se?

LUIZA.

Nada te posso dizer. Julgo que ainda se não tornaram a encontrar. Carlota jura, derramando abundantes lagrimas, que está innocente: mas eu receio o genio violento e aspero do general.

CONDESSA.

O veterano é realmente um homem demasiadamente rude, mas possui um nobre coração: Se o ouvisses hontem...

LUIZA.

Tenho fé em que se possam reconciliar. Dedico-me hoje á pratica de obras de misericórdia... conjugal: e todavia não aspiro, como o barão, á gloria da philantropia...

CONDESSA.

O barão! Que ridiculo barão!

LUIZA.

Começarei por ti...

CONDESSA.

Sou cada vez mais infeliz!

LUIZA.

Já o sei: e estás em risco de o seres de todo!

CONDESSA.

Não é possível. O conde sacrifica-me a uma mulher infame, a uma indigna aventureira...

LUIZA.

Não o nego.

CONDESSA.

Tornar-me-hei o ludibrio de toda a sociedade.

LUIZA.

Assim será, minha querida condessa, se te apartares do teu dever, e se não seguirees os conselhos de uma amiga, que o é, fiel e verdadeira!

CONDESSA.

Que queres dizer com isso?

LUIZA.

Não me queiras enganar, nem te queiras illudir a ti propria. Se os ultrajes de um marido que te não merece, offendem o teu coração, e ferem o teu amor proprio, não te cegue o orgulho, e não escutes as lisonjas perfidas, que te incitam á vingança... Para as mulheres, a impunidade dos maridos é menos triste e dolorosa do que o castigo que lhes possamos infligir.

CONDESSA.

Dizes bem!

LUIZA.

Emilia, os devaneios de um homem nem sempre são irreparaveis. Os da mulher sim. O conde ainda te ama, e talvez que um acontecimento que preparei, corrija s. ex.^a e te restitua plenamente o seu affecto.

CONDESSA.

Oh! meu Deus! poderei ter ainda alguma esperanza... Oh! não: a tua amisade illude-te.

LUIZA.

Sei o que digo: o que exijo de ti...

CONDESSA.

Sou toda tua... dar-te-hia a propria vida...

LUIZA.

Não peço tanto... Tens ao teu lado um homem indigno, que fingindo ser teu amigo... conspira contra a tua honra...

CONDESSA.

Não; isso não... Quem imaginas?...

LUIZA.

É D. Frederico. Não m'o podes negar. Assiduo e perseverante, exagera os agravos do conde, para tirar partido da sua posição....

CONDESSA.

Nada reccies. Evitarei tudo quanto possa comprometter-me... É verdade que me ama, mas eu...

LUIZA.

Tu amas unica e exclusivamente o conde. Assim será; mas devorada pelos tormentos do ciu-me podes acaso ter mão em ti?...

CONDESSA.

Luiza!

LUIZA.

É indispensavel pôr termo á sua perseguição.

CONDESSA.

E com que pretexto?...

LUIZA.

Pretexto! Todos.... o primeiro: para despedir um libertino ha sempre occasião opportuna.

CONDESSA.

Para elle, sim: mas talvez o conde queira saber o que me levou a suspender as minhas relações; e n'esse caso, hesito em occultar a verdade, e não me atrevo a declarar-a: o calal-a, culpa-me; o confessional-a, humilha-me!

LUIZA.

É esse um raciocinio absurdo, que o teu estado moral desculpa! Deixa-me dirigir esta batalha, em que alcançaremos a victoria. Mas o tempo vóa, e ainda que estejas n'um lindo e elegante negligé, isso não convém aos meus desgnios. Vae dar uma volta até ao meu quarto de vestir: o espelho aproveita sempre, ainda ás mais formosas!

CONDESSA.

Para agradar ao conde! É tempo perdido.

LUIZA.

Hasde mudar de opinião.

CONDESSA.

Voltarei então a casa....

LUIZA.

Não é necessario. Previni tudo. Basta irs ao meu quarto. D'aqui a pouco irei ter contigo.

SCENA II.

LUIZA, só.

Que prazer terei eu de os poder reconciliar! Mas a pobre Carlota, o infeliz Merino?... É por extremo difficil. O casamento não pode obrar milagres, e tornar moços e agradaveis os que já são velhos e impertinentes....

SCENA III.

LUIZA, MARTINS.

MARTINS.

(Vindo de casa) Minha senhora...

LUIZA.

Que queres tu?

MARTINS.

Guillem pede licença.

LUIZA.

Ah! é o criado do conde... já vou. (Martins torna a entrar em casa. Deixam-se ver na esquerda do fundo, e dirigindo-se ao proscenio, o general e Micaela) Lá vejo entre as arvores Micaela e o general n'um dialogo animado... O conde tambem não falta. Ajude-me Deus n'esto meu complicado plano.

Continua.

Historia da artilharia.

Continuação.

A primeira applicação da pólvora á guerra, conforme Paolo Interiano, foi em 1366, pelos alemães, que levaram duas peças de artilharia de ferro, com pólvora, e balas, aos venezianos, occupados em recuperar Claudia-Fossa, hoje Chioggia, a quem serviram admiravelmente. Ignoram-se as dimensões d'estas peças; e parece que esta invenção produziu então mais effeito pelo terror que inspirou matando e ferindo alguns homens, que pelo seu effeito real, como aconteceu com os cavallos e cães nas guerras com os infelizes americanos.

Não são conhecidas as partes proporcionaes das diversas materias que entravam na composição da pólvora, nas primeiras epochas do seu uso. Alguns pretendem que no principio só entrava o salitre e enxofre. Ignoram-se porém as quantidades, e assim tambem o tempo da introdução do carvão.

O emprego da artilharia no ataque e defesa das praças, não fez no principio tantos progressos, como parece deveria fazer, pois que nada se escreveu sobre este assumpto até ao seculo xiv. Diversos tratados de architectura militar são omissoes n'este assumpto. Sendo de pequeno calibre as primeiras peças de artilharia, limitados deviam ser tambem os seus effeitos; e talvez que por esta razão os historiadores d'esse tempo escassa menção fizessem d'este mortifero invento.

O ferro foi em todo o tempo empregado na construção das armas offensivas e defensivas; mas as primeiras peças foram mal construídas, com grande trabalho, e expõem a grandes riscos os que as serviam; pois como refere Ufano, contentavam-se em ajuntar algumas grossas laminas de ferro, comprimidas por grossos aneis, ou arcos de ferro, á semelhança do que se pratica com as pipas; carregando-as com pólvora grossa, e pouco appropriada. Com o tempo, e procurando o espirito humano sempre progredir, achou-se o meio de refinar a pólvora, e fundir o ferro e o cobre para as peças, que foram então mais apreciadas; considerando-se, porém, que as de ferro se deterioravam, e as de cobre não apresentavam a precisa solidez, achou-se finalmente um mixto de cobre e estanho, proprio para fazer peças duráveis. Tambem não chegou ao nosso conhecimento a epocha d'esta invenção, nem as proporções do amalga da cobre e estanho, em seu começo.

Ha todo o fundamento para acreditar que os canhões só começaram a usar-se no exercito francez no reinado de Philippe de Valois.

Villiani, autor italiano, diz que os inglezes os tinham na batalha de Crecy, que elles ganharam aos francezes no anno de 1346; porém Diard, autor da historia naval ingleza, referindo esta batalha, não menciona ter-se feito n'ella uso da artilharia.

Em Portugal parece que o seu uso começou no tempo d'el-rei D. João I.

Lê-se na historia de Carlos vi, que no anno de 1385, estando acampado em frente do forte Dam, na Flandres, os defensores tinham canhões que arrojavam pedras ao acampamento do rei.

As primeiras balas eram de pedra, chumbo, e ferro. Este ultimo metal era arrojado mesmo em pedaços irregulares.

Ainda na batalha de Asincourt, dada a 25 de Outubro de 1415, não havia peças de artilharia.

E' notavel que no decurso do seculo xiv ainda a artilharia pouco progresso tivesse feito. No entanto o numero de canhões augmentou no seculo xv. Fauchet diz que Monstrelet, cujas chronicas começam em 1400, e findam em 1467, foi o primeiro historiador que falla n'elles. Chamavam-se então canhões ás peças que se transportavam á mão, ou em forquilhas. Os canhões pesavam quarenta a cinquenta libras, e as colubrinas vinte e quatro libras aproximadamente.

Juvenal des Ursins, contemporaneo do precedente escriptor, diz que no tempo dos antecessores de Luiz xi, houve n'um exercito, commandado pelo duque d'Orleans, quatro mil canhões e colubrinas. Philippe de Commines, que escreveu alguns annos depois, cita um exercito de Luiz xi, onde se contavam dez mil colubrinas. Este monarcha, cujo reinado começou em 1461, e acabou em 1483, fez fundir peças de grosso calibre, que denominou *os doze pares*. Monstrelet menciona que no seu reinado se fundiu em Tours o maior canhão que até essa epocha se viu em França: arrojava balas de quinhentas libras, tendo uma recamara no interior. Transportado a Paris, arrojou uma bala da Bastilha a Charenton, distancia que mede duas mil e setecentas toezas. Estas balas eram de pedra; e como deviam ser escolhidas mui compactas, dando-se-lhes a rizeja e o peso de marmore, o diametro d'ellas não podia ser menor de 21,2 pollegadas, porque as gravidades especificas do marmore e do ferro estão na relação de sete mil seiscentos quarenta e cinco para dois mil setecentos, e o diametro de uma bala da ferro de quinhentas libras é de quinze pollegadas.

Em 1430, no cerco de Compiègne, sob o commando de Carlos vi, os sitiados empregaram artilharia em sua defesa.

Em 1512, no sitio de Bresse, a artilharia do castello occupado pelos francezes fez brecha n'uma porta da cidade, e por ella foi assaltada e tomada.

A arte de fundir o ferro foi conhecida posteriormente á de fundir o cobre. Esta descoberta foi reputada admiravel em toda a Europa; d'onde proveiu serem as peças denominadas de ferro coado; mas o uso mostrou o seu inconveniente. Imaginaram-se então as pequenas peças denominadas pedreiros com camara, a que os hespanhoes chamaram peças de camara, e nós os portuguezes peças de braga.

No seculo xvi appareceram quasi todas as especies de bocças de fogo: o dragão ou colubrina, a colubrina legitima, a meia colubrina, o fadonete, o esmerilhão, o mosquito curto, o arcabuz etc.

Em 1543 Carlos v teve cinquenta peças de artilharia no cerco de Landrecies, que foi constrangido a levantar. Em 1586, os francezes tiveram duas baterias, de doze peças cada uma, contra Grave, que foi tomada.

Villamont, no livro terceiro de suas viagens, certifica que n'um pateo do castello do Grã-Cairo de Babylonia se encontrou uma enorme peça de artilharia, e tal que um homem entrava n'ella á vontade, e que para a conduzir se empregaram duzentos e cinquenta cavallos.

Escritores que descreveram o cerco de Rhodes pelos turcos, affirmam que elles empregaram canhões que atiravam balas de dez palmos de circumferencia; que eram os maiores que se conheciam; e que o seu estampido se ouvia na ilha de Chateauroux, a cem milhas de distancia.

Os turcos, no cerco de Malta, em 1565, empregaram canhões que arrojavam balas de oitenta libras, ou 39,1618 kil.

No sitio de Belgrado, os ottomanos abandonaram um canhão de vinte e cinco pés, ou 8^m.121; o qual lançava balas de cento e dez libras, ou 53 kil. 8461, com cinquenta libras de pólvora, ou 24 kil. 4755.

Havia em Marselha, quando foi no anno de 1524

cercada pelo condestavel de Bourbon, um canhão que arrojava balas de cem libras, ou 48 kil. 951, e cujo reparo exigia para a manobra cinquenta homens.

Mallet, official de artilharia ao serviço portuguez, refere n'uma obra que escreveu, que em Lisboa existia uma peça de vinte e dois pés geometricos de comprimento, que levava sessenta libras de pólvora, e arrojava balas de noventa a cem libras, a mil e seiscentos passos de distancia.

No tempo de Henrique iv, Mr. Sully, grã-mestre da artilharia, forneceu as equipagens de vinte peças que marcharam para a Saboia.

Em 1595, o conde de Fuentes apresentou-se com setenta peças de artilharia em frente de Cambray, defendida pelo marechal Balagny.

N'uma conta das despesas da administração de finanças de mr. Sully, desde 1599 até 1601, encontra-se a seguinte verba: — «Para compra de armas, munições, material de artilharia, e outros utensilios d'este genero, arrecadados nos armazens do rei, doze milhões.»

Continua.

A Nova Providencia.

E' tão pouco conhecida esta colonia britanica, que não deixará de ter interesse a seguinte noticia.

Um dos principaes recursos d'este paiz consiste na venda dos carregamentos dos navios naufragados.

Effectivamente são numerosos os naufragios n'aquelle sitio, pois cada anno não se contam menos de vinte a trinta sinistros.

As casas de Nassau tem goletas encarregadas de visitar as ilhas e recifes, e operarem o salvamento dos navios que se não podem retirar dos perigos em que caíram.

E' em parte, d'esta industria que vivem as dez mil almas que formam a população da Nova Providencia, e seis mil das quaes, pelo menos, residem em Nassau. Esta industria occupa goletas com as suas equipagens, jornaleiros para os trabalhos de salvação, condução para terra, armazenagem, e venda. Devem juntar-se a este pessoal os representantes das companhias de seguros, os corretores de venda etc.

A guarnição compõe-se de duzentos soldados negros, commandados por um official inglez; e d'um pequeno numero de artilheiros.

A cidade, que está edificada regularmente, tem casas bem construídas. Facilmente se encontram ali viveres; abundancia de agua; e carvão, se bem que não ha deposito d'elle permanente.

Ancora-se no porto, em bom fundo de aréa branca. Durante a noite, porém, deve haver cautela em entrar no porto, ou mesmo aproximar d'esta terra, porque está assentada sobre um banco, e o pharol que se levanta na ponta de oeste da ilha de Hog, é que serve para indicar a entrada de Nassau, unicamente se vê a pouca distancia, por causa da sua pequena elevação.

Hurdvar.

Agora que a guerra da India tem chamado a attenção da Europa para a historia, monumentos, usos e religiões d'aquelle clima, a imprensa tem lançado mão de todos os meios ao seu alcance para nos fazer conhecidas as regiões do Ganges.

Pela nossa parte tambem temos contribuido para este irresistivel movimento, e apresentamos hoje aos nossos leitores a vista de Hurdvar, que na India e por excellencia a cidade sacrosanta. O seu nome quer dizer *a Porta de Deus*. As aguas do Ganges, ainda virgens n'aquelle local, banham suas muralhas, ao descerem do monte Hymalaia; e como aquelle é na India um rio sagrado, immensa multidão de homens, mulheres, e creanças, chega ali para satisfazer nas suas aguas o sagrado preceito das abluições.

Para as levar a effeito, o indio desce ao rio, e voltando-se para o sol, toma por tres vezes a agua na palma da mão direita, e a joga para tres pontos do horizonte. Outras tres vezes a joga para a bocca, tendo cuidado de não tocar os labios ou o rosto com a mão. Terminados estes preparativos, lava então

o corpo recitando uma especie de lithanias, nas quaes repete muitas vezes o nome do deus, com que o indio tem mais especial devoção.

A abluição tem a virtude de apagar toda a casta de peccados, e esta virtude estende-se mesmo depois da morte. Tal o motivo porque se lançam ás aguas do Ganges os moribundos e os mortos. A melhor sepultura, a morte mais invejavel, é para o habitante do Indostão ser arrastado pelas aguas d'este rio, e servir por fim de pasto a algum peixe ou crocodilo. Se o indio morre longe do rio, queima-se-lhe o corpo, para se lhe recolherem os ossos e cinzas que depois são lançados n'aquellas aguas. E isto tem sua explicação: o Ganges saiu da cabeça de Brahma. Alguem explica tambem este acto religioso por motivo de hygiene, e por uma especie de reconhecimento para com a agua, principio fecundante e salutar.

De Hurdvar diremos que é uma cidade commerciante e florescente, e haahi uma feira que dura quinze dias, atrahindo mais de milhão e meio de visitantes de todos os paizes e religiões.

A noite.

DEVANEIO

DEDICADO AO MEU AMIGO, J. A. D'A. MACHADO.

I

Salvê! ó noite amena, inspiradora de melancolicos pensamentos, doce enlevo das almas apaixonadas, consolo de quem passa a vida amargurada: salvê!

Salvê rainha do amor, porque ensinas a profundar-lhe os mysterios, e mais arreigando no coração do contristado, com tua magestade, a crença do poder infinito d'um Deus omnipotente: salvê!

II

Silencio profundo! Não bole em de redor a mais tenue aragem... nem um sopro da viração! Mystério tudo... placidez, repouso!

Ainda mais uma vez, ó noite, salvê!

III

Dormita a solidão; a natureza repouza. Dorme o ermo, a flor, a aragem, o aldeão, a rez no rustico tegurio!
Só vela dentro d'alma firme a crença do inspirado que mudo te contempla...

IV

Traz-me a brisa mil balsamicos perfumes, que indiscreta, no continuo doidejar, roubou a flor adormecida!

Volvo os olhos ao infinito, e que vejo?...

O oceano irado, immenso, por entre o veo 'spero e denso da noite, avultar, bramindo...
Vejo a lua que o prateia, que na erma cruz da aldêa poisa os raios reflectindo...

Que ouço?

Os eccos da montanha rudes, a amortecer de penha em penha quebrar-se junto a mim!
O sereno trovar do solitario que parte do singelo campanario que diz no verso assim:

Saudosa companheira do vate, do cantor; escuta as trovas minhas filhas da minha dôr!

Do vate o rudo canto escuta — que é d'amor.

Ouve a endexia singela do simples trovador!

— E vós montanhas, valles, que placidos dormis, acordae por momentos p'ra 'scutar o inf'liz!

Seu canto ouvi attentos, e as magoas qu'elle diz.

'Scutae-lhe pois as trovas que são trovas d'inf'liz!

V

Já mui longa vae a toada; e as ultimas notas do ameno bardo lá vão perdidas nos eccos da solidão!

E o silencio apoderou-se como despota do imperio da natureza.

VI

Avancemos. Além fica um mosteiro. Acerquemo-nos a elle. Magestoso e vetusto é seu aspecto. Plantado no cume d'um aspero monte, de covado declive, em cuja base, defendida por agrestes rocas, se vem despedaçar, gemendo, a vaga indomita do largo oceano.

Que susurro! que horrído estampido!

E' a onda do mar que arquejante, coroada de rolos d'alva espuma e enroscada como a serpente, vem abater as iras impotentes ás plantas do grã-senhor! — de recortado e enegrecido penhasco, de feição severa e melancolica, que fita altivo e mudo as solidões do oceano.

Mas em longinquas paragens vê-se o mar pacifico e em repouso; luzidio, espelhado e liso, sem que mais leve ruga lhe dê relevo á superficie.

Se coubesse no poder humano sondar-lhe com a vista a humida e tenebrosa espessura até o fundo do abysmo.... Que singular contraste se não toparia!

Triste coincidência com certas existencias amarguradas que vão por este mundo.... Verdadeiro espelho do viver humano.

Um olhar himpido e sereno, e um sorriso suave e melancolico á flor dos labios, escondem muitas vezes dôres profundas, magoas dilacerantes.

E o mar brama turbulento junto ás abas da montanha. E traz-ue a brisa da terra mil balsamicos perfumes, que indiscreta, no doidejar, roubou á flor adormecida!

VII

Somos chegados ao mosteiro. Gothico edificio arruinado aqui e além pelo peso dos seculos que lhe tem saudado a magestade; que lhe tem passado humildes e cabisbaixos pela frente enegrecida, como phantasmas agoireiros que esperam o cumprimento de ruim prophécia!

VIII

Melancolico e imperturbavel silencio reina aqui. Em de redor do mosteiro, umas singelas e humildes moradinhas, quaes servis escravos beijando as plantas de altivo despota, lhe rendem homenagem no silencio!

Alguns arbustos frageis, mui debeis ainda, e em viço d'idade, plantados a esmo aqui e além, povoam a vasta e erma cerca, que lhe cinge o modesto cemiterio...

N'este alguns madeiros encruzados, cravados no chão, e vergando ao peso de lyrios, perpetuas, e saudades, avisam a quem passa, que deve dobrar o joelho e orar.

Ajoelhemos pois e oremos...

Abonancando vae o mar, que apasigua as iras aos pés do serro alpestre que lhe vigia as beiras... E traz-me a brisa da terra mil balsamicos perfumes, que indiscreta, no doidejar, roubou á flor adormecida....

IX

Poisada sobre uma arida planicie, em terreno por lagrimas regado, cercada de chorões, altos cyprestes, entre outras, uma campã ali s'eleva. A ellas sobresa, não pelo fausto, nem pelas pompas vãs que nos illudem!
— E' singela, mui simples e modesta. Nua a gelida pedra sem layores, nem letreiro que ao menos ao viandante lhe diga: — jaz aqui... Mas qu'importa ao vivente que passa por tal sitio sabel-o? Se devoto um padre-nosso quizer depôr-lhe aos pés pelo descanso d'uma alma que no ceo o Eterno guarda; lá na razão do Mesmo a simples reza, mais vale que não é filha do egoismo.

— Apenas ao pé d'ella umas saudades que plantou mão singela e caridosa entre o musgo e os cardos lhe florecem! Muitas vezes o noto ali passando as derruba por terra desfolhando-as. Mas logo eis que de novo renascendo mais tristes e viçosas se debruçam dando prantos á pedra do sepulchro!

Assim tambem por vezes em minh'alma d'alegria rajada passageira desfolha o sentimento que a flor mostra; Mas depressa se vae e se fenece, porque d'enganos era e mentirosa!
E renasce outra vez aqui no peito a saudade mais viva e mais intensa!

Ha tempos n'uma tarde, quando prestes aos confins do horizonte o sol baixava, quando em confusas sombras a natureza jazia, e que da torre o velho bronze as trindades soava, meigo rosto de ver me alembro sobre a nua pedra poisado, de jazida ali sósinha.

Da dôr imagem, symbolo de magoas, estatua da saudade! Nunca rosto vi na terra mais bello, nem mais triste!
Nunca prantos me foram tão ao fundo do coração... Em desalinho a trança negra... qual noite de gelado inverno 'Spargida lhe caia sobre os hombros, á mercê das aragens que com ella s'entretinham em brincos innocentes!
O rosto compungido... desvirado o olhar... pallida a fronte, similhava em vulto á saudade, dando largas, á voz de seu pesar. Chorei ao vê-la!

Um camponio que se ia em caminho da choupana, me disse: — é louca!
Dias eram passados, e ali voltei. — E a louca?
Magoado sorriso pairou nos labios do camponio.
— Morreu! — E foi-se andando.

Vi depois junto áquella, uma outra sepultura mais rude, mais singela.
Um lyrio que ao acaso ali medrou pendido sobre a pedra, ao que passa lhe diz — chora e louca que chorando em prantos se finou!

E' este!... eis o lyrio... o companheiro da pobre louca... que sobre a campã chora os orvalhos que lhe esparge a noite...

Triste flor!... Chora! já que a misera lagrimas não tem de um amigo... de alguém que no mundo lhe fosse caro!...

Pobre lyrio, e pobre louca!...

Continua.

HENRIQUE VAN-DEITERS.